

7º. Encontro 20/10 Duração: 1h30min

A destrutividade nas organizações não neuróticas - René Roussillon , a partir de entrevista concedida para Luciane Falcão por Skype em 2018

*A entrevista será apresentada em vídeo e a seguir teremos aula expositiva e discussão.

Na minha opinião – vocês verão por que ao longo do meu desenvolvimento –, tenho a impressão que é melhor falar da questão da destrutividade e, depois, examinar como a pulsão de morte pode evoluir para uma reflexão sobre a destrutividade. A primeira coisa que eu gostaria de fazer é comparar com as organizações de tipo neurótico. Isto é, como a questão do amor, do ódio, da criatividade, da destrutividade se regulam nas organizações neuróticas, e vocês verão, comparativamente, que elas não se regulam da mesma maneira nas organizações não-neuróticas. A primeira coisa que percebemos é que a regulação nas relações entre amor e ódio, por exemplo, se dá graças à organização de um conflito que costumamos chamar de conflito de ambivalência. Em relação ao mesmo objeto, há ao mesmo tempo um movimento de amor e outro de ódio e, nas organizações neuróticas, o amor predomina, fazendo com que, na maioria das vezes, a dificuldade está em administrar a agressividade em relação ao objeto de amor e o ódio em relação a esse mesmo objeto. É importante entender que a organização de um conflito não é uma clivagem, tendo o amor de um lado e o ódio, de outro, mas o amor implica o ódio e ódio não pode ser entendido sem o amor. Como entendemos isso? Para mim, o ponto de partida é amor. O amor está em primeiro lugar. O problema é que o meu objeto não está o tempo todo disponível. Em determinados momentos, ele pode faltar e, quando falta, ele me faz sentir uma certa dependência em relação a ele. Essa dependência ocasiona um sentimento de ferida narcísica. Eu estou ferido por me sentir dependente de um objeto de amor. Estou esperando a minha mulher querida e, enquanto a espero, eu sinto o quanto preciso dela, e isso me fere. Na medida em que ela provoca uma ferida, esta vai causar uma espécie de movimento de hostilidade. A minha hostilidade em relação a essa pessoa depende do meu amor. Isso vai fazer com que se organize um conflito em mim entre, de um lado, o fato de eu a amar, e de outro, pela dependência que eu sinto, isso me fere, e essa ferida vai provocar em mim uma certa agressividade, violência. Em outras palavras, nas organizações neuróticas, o amor é freado pelo ódio, pela hostilidade, pela raiva, pela agressividade. Inversamente, a expressão da agressividade é freada pelo fato de amarmos o objeto. A regulação se dá graças ao fato de haver essa coexistência em mim de um movimento amoroso e um movimento agressivo, destrutivo, de ódio pelo objeto. O problema ligado à neurose é a gestão desse conflito, que pode ser feita com menores ou maiores dificuldades, mas evolui bem. O problema é que, se a agressividade em relação ao objeto de amor for excessiva, ela vem prejudicar o amor pelo objeto, e eu vou tender a recalcar a agressividade. Por sua vez, esse recalque vai retornar sob forma de angústia, de sintomas, etc. Grosso modo, temos aí o universo neurótico, que é comandado e organizado pelo mundo do conflito. Tudo se administra em torno da organização da conflitualidade psíquica. Quanto às organizações ditas não-neuróticas, que eu chamo de organizações narcísico-identitárias, a problemática narcísica está no centro de tudo e vai afetar o próprio sentimento de identidade. Nessas organizações, constatamos que o conflito não é o organizador principal e dominante da vida psíquica e da relação com os outros, é uma forma muito diferente, uma forma paradoxal. Podemos dizer que, enquanto a organização do mundo objetal da neurose é comandada pelo conflito, a organização das problemáticas narcísicas é comandada por uma forma paradoxal. Eu proponho pensarmos um pouco sobre as formas paradoxais para entendermos o que isso quer dizer.

As características do paradoxo são, de um lado, o fato de que o amor se converte em ódio, o amor não se opõe ao ódio, mas ele se torna o ódio. É o que Freud vai descrever no caso Schreber e na paranoia. Uma segunda particularidade que podemos encontrar nos estados

não-neuróticos é um estado de confusão. O amor e ódio são pouco ou mal diferenciados. Vamos ver dois exemplos breves para que vocês entendam essas duas formas paradoxais. O primeiro deles é o que Ronald Fairbairn chamou de amor destrutivo. O que é o amor destrutivo? É um movimento amoroso na criança, mas que é vivido como um movimento agressivo pelo objeto, que remete à criança uma imagem agressiva do seu amor, fazendo com que haja uma confusão na criança pelo fato de não saber se o ama ou se quer destruí-lo. Então, amor e destruição não são mais passíveis de uma oposição. Em um segundo exemplo que podemos tomar da literatura, é um exemplo célebre em Shakespeare na sua peça de teatro Ricardo III. Freud vai dedicar a ela um trecho de um artigo, no qual ele vai falar sobre alguns traços de personalidade identificados pela psicanálise e, em particular, sobre as exceções. Ricardo III, já no primeiro ato, diz que ele é malvado, feio, não pode atrair o amor. “Então, diz ele, que o mal seja o meu bem”. Vemos aí, então, que não há mais oposição entre o mal e o bem, entre o bom e mau. Mas o bom é mau, e o mau é bom. Em outras palavras, há uma inversão em seu contrário; e o seu contrário, por sua vez, também vai se inverter em seu contrário. Este é o paradoxo: é uma espécie de inversão. Se o bom é mau, todas as referências são totalmente desorganizadas e, principalmente, o prazer gera desprazer e o desprazer gera prazer. Encontramos aí o masoquismo, toda uma série de formas, de certa maneira, pervertidas do amor, do ódio, do prazer e do desprazer. Esse é o problema central que encontramos nas problemáticas narcísico-identitárias, fazendo com que os sujeitos fiquem relativamente perdidos, desorientados e desorganizados em seu mundo, porque, se uma coisa produz o seu contrário, e o contrário produz a própria coisa, torna-se difícil se referenciar. Todo o sistema do princípio de prazer se baseia na diferença entre o bom e o mau, entre o prazer e o desprazer. Se o prazer e o desprazer passam um a ser o outro o tempo todo, em um dado momento não há mais como se situar. Isso gera uma economia no sujeito, que se sente perdido e que vai tentar se livrar disso de uma forma ou de outra, mobilizando mecanismos de defesa contra essa espécie de paradoxalidade que habita nele. Nós, psicanalistas e, de modo geral, os terapeutas, nos deparamos com a questão de saber como tratar, nessas organizações não-neuróticas, a destrutividade, que aparece no centro dos problemas e dos quadros clínicos que encontramos. Existem dois elementos importantes sobre essa questão. O primeiro é o fato de termos sujeitos com uma considerável destrutividade manifesta e que nos fazem suportar, mais ou menos bem, a expressão dessa destrutividade. É o que chamamos de contra-transferência. Como conseguir suportar essa destrutividade da melhor forma possível? Uma das coisas que a minha experiência mostrou é que, para suportar suficientemente bem a destrutividade, algo importante é a concepção que temos dessa destrutividade. Há certas concepções que tornam a destrutividade muito difícil de elaborar, enquanto outras concepções, para mim, dão um pouco mais de espaço ao terapeuta para que ele possa elaborá-la. O que me interessa é saber quais são as concepções que permitem elaborar a destrutividade. Como podemos, então, representar essa destrutividade de modo que ela possa ser elaborada? Eu tenho uma primeira proposição, que consiste em dizer que o que torna a destrutividade inelaborável e que, de certa forma, é o problema central na contra-transferência do clínico e é também o problema central dos pacientes – porque, se nós não podemos elaborar, eles também não podem – é quando a destrutividade é idêntica a si mesma. Ela não tem dimensão inconsciente nem dimensão latente. Ela é a pura e simples expressão de uma pulsão destrutiva. Aí, a destrutividade remete à destrutividade, e não resta nada além de fazer com que desapareça a destrutividade. Mas fazer com que a destrutividade desapareça é, ao mesmo tempo, fazer com que desapareça uma dimensão essencial e fundamental do ser humano. É um pouco isso que eu critico em relação à noção da pulsão de morte, porque acho que existe na pulsão de morte – talvez não em Freud, mas no uso que é feito dela – uma ideia de que a destrutividade é uma emanção da pulsão de morte. Esse é um modo de dizer que ela é uma pulsão de destruição que gera destrutividade. Ou seja, não há inconsciente, não há dimensão latente na destrutividade. Isso, de certa forma, vai causar uma pane no pensamento do terapeuta. Eu me interessei a tudo que pudesse constituir uma

espécie de distância que vai conferir uma dimensão inconsciente e problemáticas inconscientes e latentes à destrutividade. Vários autores me auxiliaram nisso. Poderia citar alguns, mas dois especialmente são muito úteis. O primeiro deles é Freud e o segundo, Winnicott. Em Freud, costumamos dar muita atenção à descrição da pulsão de morte feita em 1920, em “Além do princípio de prazer”, quando ele a introduz. É como se, de certa forma, Freud tivesse dito o essencial de sua posição acerca da pulsão de morte naquele momento. Porém, quando lemos os escritos seguintes de Freud, percebemos que é mais complexo para ele, e essa ideia da pulsão de morte não é bem isso. Ele então vai tentar repetidamente construir uma compreensão talvez mais otimista e clínica sobre essa questão da destrutividade, da compulsão à repetição e toda essa dimensão que antes ele havia atribuído à pulsão de morte. Foi então nos anos 37, 39, em “Construções em Análise”, no “Esboço de Psicanálise” e também nas anotações que ele redige bem no final da vida, em seu exílio em Londres, que vemos surgir uma concepção um pouco diferente da pulsão de morte. Nas anotações do período de exílio, Freud retoma a compulsão à repetição e faz algumas observações. A primeira delas consiste em dizer que é estranho que os acontecimentos que mais tendem a se reproduzir são os acontecimentos mais precoces. Aquilo que mais tendemos a repetir são os acontecimentos mais precoces. Quanto a precoce, temos uma ideia do que ele quer dizer a partir de “Construções em Análise”, onde ele começa a abordar essa questão. Ali ele abordou os acontecimentos relativos ao período anterior à aquisição da linguagem. Em outras palavras, esses acontecimentos precoces seriam aqueles acontecimentos dos dois primeiros anos de vida. Durante seu exílio em Londres, ele explica e faz uma anotação de forma muito lacônica. Ele vai anotar, entre parênteses, “explicação: fragilidade da síntese”. Ou seja, ele nos propõe uma ideia, que não é uma ideia totalmente nova em Freud, mas, em todo o caso, aqui temos uma afirmação bastante enfática e precisa de que aquilo que faz com que um acontecimento tenha tendência a se repetir é o fato de ele não conseguir ser integrado. Aí está a fragilidade da síntese. É uma deficiência na capacidade de integração. Portanto, nós repetimos aquilo que não somos capazes de integrar. Essa proposição modifica, inclusive de uma forma peculiar, a forma da pulsão de morte. Porque, nesse momento, a ideia que começa a surgir em Freud, de maneira bastante clara, é que aquilo que não conseguimos integrar vai atacar, de certa forma, a parte da vida psíquica que foi rejeitá-lo. Quando não podemos integrar uma experiência que, por exemplo, tem um caráter traumático, é uma experiência que nos ameaça, não tanto por ela ser intrinsecamente ameaçadora, mas porque nós não conseguimos integrá-la. Ou seja, vamos mobilizar mecanismos de defesa contra o que não conseguimos integrar. Se mobilizarmos mecanismos de defesa contra o que não conseguimos integrar, aquilo que não integramos vai atacar as nossas defesas. É o que Bion chamou de “ataque ao vínculo” e toda uma parte daquilo que foi descrito como formas da destrutividade. Isso depende simplesmente do fato de que aquilo que não é integrado vai atacar a estrutura que recusa a integrá-lo. Poderíamos dizer as coisas assim: do ponto de vista político, os palestinos se sentem excluídos de seu território, então eles atacam os israelenses que o excluíram. É um exemplo bastante simplificado, mas dá uma ideia do que acontece quando o que não foi integrado não tem lugar. Ele vai buscar um lugar e, para encontrar um lugar, vai atacar o que está ocupando o seu lugar. Vemos bem que a finalidade aqui não é destruição, a finalidade é a integração, mas ela passa pela destruição. Podemos dar uma metáfora biológica: se eu pegar uma maçã e tentar comê-la inteira, eu não vou poder engoli-la, integrá-la. Para poder integrar a maçã, eu preciso mastigá-la, transformá-la e é assim que se efetua a integração. Isso vale para todos os sistemas biológicos e também vale para todas as dificuldades na experiência psicológica. Temos aí uma ideia muito importante que nos é trazida por Freud, que é o fato de que é a dimensão latente implícita da destrutividade e da compulsão à repetição não é a destruição, é a integração. Isso é muito útil aos terapeutas, porque significa que, se quisermos reduzir a destrutividade, não temos que impedi-la, proibi-la, precisamos conseguir tornar integrável aquilo que não foi integrado. Tudo isso exige um trabalho de representação, de elaboração do que ficou como resíduo, daquilo que teve um

caráter traumático, de certa forma, na vida psíquica. O segundo autor muito útil e fundamental para mim é Winnicott. Ele nos diz algo, principalmente no seu texto “O Brincar e a Realidade”, no capítulo intitulado, em inglês – porque a tradução em francês é ruim –, “Use of an Object” [O uso do objeto]. Nesse artigo, Winnicott traz algo que é uma revolução. Como eu disse antes, Freud afirmou que o objeto nasce no ódio, mas Winnicott vai explicar que não é que o objeto nasce no ódio; o objeto nasce do ódio, mas porque ele sobrevive ao ódio. Essa questão vai, então, introduzir uma nova proposição: não podemos pensar a destrutividade sem pensar na reação e na resposta do objeto à destrutividade. Em outras palavras, o destino, o futuro, o fato da destrutividade ser ou não elaborável não depende da destrutividade, depende da resposta do objeto à destrutividade. Winnicott vai desenvolver essa concepção a partir da ideia de que o objeto precisa sobreviver. Ele diz que, nos primórdios, quando um bebê está com raiva, vivendo um momento de raiva destrutiva, a resposta do ambiente a essa raiva é muito importante para a integração dela ou, ao contrário, para essa raiva poder adquirir um caráter traumático. Winnicott nos diz: o bebê vive, por exemplo, um episódio de frustração. Ele tem uma necessidade, um desejo, um movimento pulsional. O objeto não está acompanhando esse movimento, a sua resposta não é imediata. A reação da criança, então, é ligada ao seu sentimento de impotência, e ela vai entrar em uma espécie de raiva destrutiva contra um mundo sobre o qual ela não pode agir e, ao mesmo tempo, vai ter excitações e movimentos internos que a fazem sofrer, a desorganizam e a ameaçam. O que nos diz Winnicott é que a essa destruição, a essa destrutividade agida, a essa vivência da criança de uma destruição radical do mundo, o objeto deve responder, mas deve fazê-lo, de certa forma, sobrevivendo a isso. O que quer dizer sobreviver em Winnicott? Winnicott dá dois exemplos do que é a sobrevivência do objeto. O primeiro exemplo: em primeiro lugar, o objeto não pode se retirar do vínculo. Se um bebê está furioso, colocar esse bebê no canto do apartamento para não ouvir seus gritos, deixar esse bebê sozinho com a sua destrutividade, sua fúria, não é uma boa solução para a elaboração dessa raiva, dessa destrutividade. Ou seja, a retirada do objeto é, de certa forma, um abandono da criança à sua própria destrutividade, e ela não consegue elaborar isso sozinha. Uma segunda conjuntura, segundo tipo de resposta que não produz a elaboração da destrutividade é a represália. A criança berra, a mãe berra ainda mais alto que a criança. A criança morde, a mãe morde a criança. A criança grita, a mãe grita ainda mais alto. Por que isso não produz a elaboração? É como se a criança visse a sua própria destrutividade voltar sobre ela mesma, como um *boomerang*, mas de um modo ainda mais amplificado pelo fato de ela estar recebendo a destrutividade de um adulto. Eu fico tentado a acrescentar alguns aspectos que já estão presentes em Winnicott, mas que ele não formula exatamente desta forma. A primeira coisa que me foi mostrada pela minha experiência clínica é que o objeto precisa ao menos ser atingido, afetado por essa destrutividade. Ou seja, se você está diante de uma criança que está berrando, gritando e fica impassível, insensível, isso não vai ter um efeito de sobrevivência do objeto. Isso vai simplesmente reforçar o sentimento de impotência da criança. A criança vai ter a impressão de que ela não consegue atingir o objeto. Então, o objeto precisa se mostrar atingido, afetado por aquilo que está acontecendo. Só há uma verdadeira sobrevivência do objeto se ele for atingido. Então, isso significa que a fórmula completa de Winnicott deveria ser: o objeto precisa ser atingido e sobreviver. Mas isso não pode se dar de qualquer maneira. Na minha experiência, vejo que não basta simplesmente ser afetado, atingido. É preciso, além disso, responder à criança de maneira que a permita transformar aquilo a que ela é confrontada. Para isso, é preciso que haja uma resposta que podemos chamar de viva do objeto, ou seja, uma resposta criativa. Para mim, isso é muito importante. Eu penso que há quatro características importantes para a sobrevivência do objeto: a primeira delas é não se retirar, a segunda característica é não fazer represálias violentas; a terceira, ser afetado e atingido; a quarta, manter-se criativo. Podemos dizer que isso engloba os pontos com que o terapeuta se depara. Se, diante dos ataques do paciente, ele se retira, começa a se calar, não se move mais e não lhe diz mais nada, como se ele não estivesse mais ali, de fato o paciente vai começar a se sentir sozinho. Isso vai levar o paciente a

pensar que ele destruiu o vínculo. Se o terapeuta começar a bombardeá-lo com interpretações que são uma forma de represália, isso é uma violência. Como geralmente os terapeutas têm o aparelho psíquico mais elaborado do que o paciente, o terapeuta vai enterra-lo, mas não vai conseguir nada do ponto de vista da elaboração. Ele precisa, segundo meu ponto de vista, ser tocado e, graças ao fato de ser tocado, algo em sua atitude, em seu mundo interno se transforma suficientemente e faz com que ele se mantenha criativo. Ou seja, ele vai tentar entender o que aconteceu para que essa expressão da destrutividade seja tão grande. Terminarei com duas observações. A primeira é: o que acontece quando o objeto não sobrevive? Observemos, esta distinção é importante. Quando a destrutividade da criança, do paciente ou do sujeito se transforma em uma experiência não apenas de destrutividade, mas de destruição. É como se ele não tivesse apenas o sentimento fantasiado de ter destruído alguma coisa, mas como se ele tivesse realmente destruído algo. Podemos dizer assim, essa distinção entre a destrutividade e a destruição é muito importante. Na verdade, a destruição é o mal da destrutividade, é o que coloca a destrutividade em dificuldade. A vivência da destruição, quando a resposta do objeto não foi uma sobrevivência suficiente, a resposta da criança será, ou se clivar completamente de toda sua experiência emocional da destrutividade, da hostilidade e vai se submeter totalmente ao objeto, ou vai entrar em uma destruição compulsiva, como se ela tentasse repetir essa experiência até ter outra solução. O que temos muito na clínica são pacientes completamente apáticos, abúlicos, porque se apartaram de toda a expressão de agressividade, ou então pacientes extremamente negativos, destrutivos, mas porque essa repetição da destruição vem da não-integração da destrutividade pelo fato de que o objeto não sobreviveu suficientemente. É interessante agora indagar o que acontece quando o objeto sobrevive. Winnicott apresenta formulações extraordinárias em seu artigo e diz, em resumo, o seguinte. Objeto, eu te destruo, mas tu sobrevives. Se tu sobrevives, então, eu te descubro. O objeto não nasce do ódio, mas da sobrevivência do objeto ao ódio. Eu te descubro como sendo um outro sujeito. E eu descubro, ao mesmo tempo, que toda uma parcela da satisfação que eu acreditava dar a mim mesmo, na verdade, eu devo a ti, então, eu te amo. O resultado é o seguinte: objeto eu te destruo, tu sobrevives, eu te amo. O problema é, como eu dizia há pouco, o objeto não está todo o tempo ali, ele não está todo o tempo disponível. Então, ele faz a criança sentir que ela depende dele. Essa dependência fere o narcisismo da criança e há então movimentos de agressividade em relação ao objeto, mas precisamente essa agressividade é ligada ao amor que a criança tem pelo objeto. É porque o objeto é importante, porque ele foi descoberto, porque foi reconhecido como um outro sujeito que ele é efetivamente agredido. Vemos como, nesse momento, saímos da paradoxalidade da destrutividade para entrar no conflito da ambivalência. Eu penso que será uma solução bem-sucedida de um bom trabalho de psicoterapia ou de psicanálise com um paciente com muita destrutividade quando ele se tornar capaz de descobrir aos poucos que o objeto diante dele – o outro, o terapeuta, a mãe, os pais, etc – é consistente, é resistente, não é destruído pela sua onipotência fantasmática. Dado que ele resiste, se mantém, ele tem valor. E se ele tem valor, ele pode ser amado, ele vai ser e deve ser amado. E, a partir desse momento, o amor passa ao primeiro plano, e esse amor vai ser o novo organizador da vida psíquica. E com o amor, a criatividade. Bem, é o resumo do que eu poderia dizer em poucos minutos...